

Quente, frio e reimoso: alimentos, corpo humano e pessoas¹

Klaas Woortmann

Resumo: O artigo analisa percepções de alimentos como “quentes” ou “frios”, comuns a várias partes do Brasil, todas elas derivadas de classificações gregas sistematizadas por Hipócrates e também utilizadas por Heródoto. Mais do que classificações de alimentos, são categorias de alcance cosmológico, visto que Hipócrates, além de médico era também geógrafo. “Reima” é também de derivação grega – rheuma. O artigo focaliza a relação entre a comida e o corpo humano e as práticas alimentares como linguagem que fala de categorias sociais, notadamente gênero.

Palavras-Chave: Classificações Gregas de Alimentos. Relação entre Comida e o Corpo Humano. Práticas Alimentares como Linguagem.

Abstract: The article analyzes the perception of food as “hot” or “cold” that are common to several Brazilian regions. Such categories are derived from ancient Greek cosmological classifications (which also include the opposition “dry-humid”, less frequent in Brazil) systematized by Hippocrates and by Herodotus. “Reima” is also of Greek derivation – rheuma. The article focuses on the relation between food and the human body and on food as a language that “speaks” of social categories, notably gender categories.

Keywords: Greek Cosmological Classifications. Relation between Food and the Human Body. Food as a Language.

Klaas Woortmann Professor titular da Universidade de Brasília (Dep. De Antropologia) PHD, Harvard University, 1975. Áreas de pesquisa: família e parentesco; hábitos alimentares; campesinato. (klaas@unb.br).

¹ Texto recebido: 11/06/2008.

² CURRIER, R. L. The hot-cold syndrome and symbolic balance. Mexican and Spanish-American folk medicine. *Ethnology*, 5, 1966, p. 251-263.

Em várias regiões do Brasil, como na Amazônia, no Nordeste e no Brasil Central, assim como em boa parte da América Latina², observa-se um sistema de classificação de alimentos que opera com os pares de oposições “quente-frio” e “reimoso-manso”. Muitas prescrições ou proibições alimentares são baseadas nesse sistema de classificações.

Todos os alimentos são percebidos como sendo ou “quentes” ou “frios”, com relação à sua “qualidade”, independentemente da condição térmica. Assim, por exemplo, na Amazônia, a carne de boi é “quente”, e a de porco é “fria”; a de cação é “quente” e a de tainha é “fria”. No Brasil Central, o arroz é “frio” e o feijão é “quente”. Não há uniformidade quanto à percepção dessas “qualidades”. Um mesmo alimento pode ser considerado “quente” numa região e “frio” em outra. O que importa é que em todas elas persiste esse modelo classificatório. O que é importante também é que tais qualidades são sempre referidas ao organismo humano.

Comidas “quentes” são aquelas consideradas ofensivas ao aparelho digestivo, enquanto as “frias” são ofensivas ao aparelho circulatório, devendo ser evitadas por quem estiver atacado de bronquite, gripe ou asma.

Se existe uma relação entre o sistema alimentar e o sistema orgânico, é preciso ressaltar que também as doenças e as partes do organismo humano são classificadas como “quentes” ou “frias”. Doenças “quentes” são aquelas originadas do próprio corpo, como as “do sangue” (sífilis, por exemplo) e as que se manifestam na pele, como a lepra. “Quentes” são ainda a “dor d’olhos”, diarreia, hemorróidas, ferimentos inflamados e qualquer tipo de febre. São “quentes” também os distúrbios nervosos que levam o indivíduo a um estado de cólera ou que o fazem ficar “muito nervoso” – por isso mesmo o alimento “frio” é tido como “calmante para os nervos”, além de apropriado para pessoas com “pressão alta”. Doenças “frias”, ao

contrário das “quentes”, são em sua maioria originadas do ambiente externo e afetam o sistema respiratório – a própria palavra “resfriado” é, neste sentido, significativa. Contudo, a apatia ou a frigidez sexual são igualmente tidas como “frias”. “Frios” são também os ferimentos sem pus, o reumatismo e doenças dos rins.

Mas, como observa Novión³, tais oposições só adquirem sentido na medida em que incorporam o princípio de equilíbrio. De fato, a oposição complementar “quente – frio” transcende o domínio estrito dos alimentos. Como disse um camponês nordestino, referindo-se ao cultivo da terra, “tudo nesse mundo de Deus ou é quente ou é frio”⁴. Assim, existem solos “quentes” e outros “frios”. Os primeiros, argilosos, não podem ser adubados com estrume de gado enquanto os segundos, arenosos, o podem, daí serem muito valorizados. Isso se deve ao fato de ser o estrume percebido como “quente”; colocado numa terra “quente”, ele irá destruir a plantação, ao contrário do que ocorre numa terra “fria” – por isso, as terras arenosas podem ser cultivadas ano após ano sem perda de produtividade, enquanto as primeiras precisam de um tempo de pousio. É evidente a homologia entre a relação adubo - solo e aquela entre comida e corpo: o adubo é a “comida” da terra, que a torna forte. É evidente, também, o princípio do equilíbrio.

Ademais, no sistema de cultivo por consorciamento, não se deve plantar uma planta “quente”, como o feijão, ao lado de outra também “quente”, mas apenas ao lado de uma planta percebida como “fria”, como a mandioca.

A “síndrome quente-frio”, com relação aos alimentos e ao corpo humano, é derivada da medicina hipocrática e da teoria dos humores; poderia ser considerada uma “pequena tradição” derivada de uma “grande tradição”, nos termos propostos por Redfield.⁵ Mas Hipócrates era também geógrafo, e organizava o mundo, tal como Heródoto, segundo o

³ NOVIÓN, M. I. *Anátomo fisiologia popular e alimentação na mulher e no binômio mãe – filho*. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia. Brasília, 1976.

⁴ WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UnB, 1997.

⁵ REDFIELD, R. *The little community/Peasant society and culture*. Chicago: University Press. Chicago, 1960.

⁶ HARTOG, F. *Le miroir d'Hérodote. Essay sur la représentation de l'autre.* Paris: Gallimard, 1980.

modelo “quente-frio/seco-úmido”. Distintos povos eram classificados nesses termos e, conhecendo-se o ambiente de um deles, podia-se deduzir um outro por oposição – como os citas (frio-seco) em oposição aos egípcios (quente-úmido).⁶

As concepções populares sobre comida, organismo humano, solos e plantas são, pois, parte de um modelo cosmológico mais amplo. Se o domínio dos negócios deve ser “frio”, racional, o do lar deve ser “quente”, afetivo. Existem olhares “cálidos” e olhares “gélidos”. Existem pessoas que “irradiam calor humano”, enquanto outras são “frias”. Mas, se as categorias num plano se opõem, em outro se complementam e é de sua combinação equilibrada que depende a harmonia universal. Se os diferentes atributos devem coexistir, eles não devem, contudo, invadir o domínio ao qual não pertencem. Se a afetividade do lar “quente” não deve invadir o domínio do trabalho, onde deve predominar uma “cabeça fria”, o oposto tampouco deve ocorrer – para que o “homem de negócios” mantenha seu equilíbrio é preciso que, ao sair do escritório “frio”, ele encontre um lar “quente”.

O corpo humano é parte do universo, e uma parte muito especial, pois é nele que “existe” o próprio indivíduo que percebe o universo. Esse corpo é também percebido como composto de partes “quentes” e “frias” (sangüíneas e sem sangue; vermelhas e brancas) que se opõem mas que também se integram complementarmente numa totalidade harmônica, desde que a “qualidade” de uma parte não invada a outra.

O organismo humano é composto de duas partes: a cabeça e o corpo, e abriga dois órgãos fundamentais, o “miolo” (cérebro) e o coração. O primeiro, percebido como “frio”, sem sangue e branco, tem por função “governar as idéias”; o segundo, “quente”, vermelho e sangüíneo, tem a função de “governar o corpo”, fazendo circular o sangue e “dando vida ao

corpo”. A mulher, contudo, distingue-se do homem por possuir um órgão a mais, o útero, vermelho e sangüíneo e cuja função é governar a menstruação e gerar crianças. Ela possui, pois, três órgãos, dos quais dois são sangüíneos e quentes. Como em muitas outras culturas, a imparidade (no caso, três órgãos) é relacionada à ambigüidade e ao desequilíbrio. Assim, se no homem existe um domínio “frio” e outro “quente” (equilíbrio), na mulher existem um domínio “frio” e dois domínios “quentes” (desequilíbrio). A percepção do corpo humano conduz, então, a uma diferenciação entre homens e mulheres que transcende a simples diversidade anatômico/fisiológica.

Se a mulher difere do homem por ter um órgão a mais, o útero, ela é também percebida como tendo mais sangue que o homem. Essa maior quantidade de sangue relaciona-se aos processos fisiológicos da menstruação e da gravidez, assim como à amamentação. Essa diferença, segundo as representações populares, implica que na mulher o equilíbrio está em permanente perigo de ruptura, notadamente nos períodos de menstruação e gravidez, momentos em que a mulher é percebida como “perigosa” no plano social. Se o útero evita o desequilíbrio fisiológico, evitando a contaminação de uma área “fria” e não sangüínea (a cabeça) por outra, “quente” e sangüínea, a mulher é, contudo, percebida como potencialmente causadora de desequilíbrios no plano da sociedade. A neutralização dessa periculosidade social, e não só do desequilíbrio fisiológico, depende de comportamentos adequados, em que se destacam as prescrições e proibições alimentares.

É necessário distinguir, nos termos da percepção popular, dois tipos de sangue: o sangue “branco” e o sangue “vermelho”, sendo o primeiro uma transformação do segundo. No homem, o “sangue vermelho” se transforma em “branco” (sêmen) pela operação dos testículos, por ocasião do desejo sexual. O encontro desse “sangue branco” masculino com o

sangue vermelho do útero dará origem a um novo ser, sendo cada um dos “sangues” responsável pela formação de distintas partes: o “sangue branco” masculino dará origem às partes brancas, notadamente a cabeça e o cérebro; o sangue vermelho feminino dará origem à carne, útero e coração.⁷

⁷ NOVIÓN, M. I. *Op. cit.*

Há nessa percepção uma clara classificação ideológica de gênero: o homem gera o domínio das idéias; a mulher gera o corpo. Do pai vem o cérebro, a razão; da mãe, o coração, a emoção. Do pai o domínio “frio”; da mãe o domínio “quente”.

O organismo humano compõe-se, portanto, de partes “frias” e “quentes” constituindo uma totalidade em equilíbrio. O rompimento de tal equilíbrio se dá quando “o sangue sobe à cabeça”, ou quando se “esquenta a cabeça”, isto é, quando um domínio “sem sangue” e “frio” é invadido pela “quentura” natural do domínio “corpo”. Sintomaticamente, diz-se de alguém a quem o sangue “subiu à cabeça” que “perdeu a cabeça”.

Tal invasão/inversão pode ser causada por doenças “quentes” ou, na mulher, pela “suspensão da regra”. Entre os meios pelos quais se busca assegurar o equilíbrio está uma dieta equilibrada, uma combinação de alimentos “quentes” e “frios” (como o feijão com arroz). Se o desequilíbrio alimentar não causa doenças, ele agrava uma doença já instalada. Por outro lado, uma pessoa com “bons humores” dificilmente contrairá uma doença e uma dieta equilibrada maximiza o equilíbrio dos “humores”⁸.

⁸ MAUÉS, R. H.; MAUÉS, M. A. *Hábitos e ideologias alimentares numa comunidade de pescadores*. Brasília: Departamento de Antropologia. UnB, 1976.

Na presença de doenças “frias” deve-se evitar alimentos igualmente “frios”, mas deve-se também ingerir alimentos “quentes”; inversamente, em estados “quentes” (certas doenças e o período menstrual, percebido como próximo a um estado de doença) deve-se ingerir comidas “frias” e evitar as “quentes”. Sendo a mulher percebida entre a menarca e a menopausa como estando num permanente trânsito entre saúde e doença e num estado em que o domínio

do “frio” pode ser invadido pelo “quente”, é a ela que se aplicam com maior freqüência as prescrições e proibições alimentares.

Além de “quentes” ou “frios”, os alimentos podem ser “reimosos” ou “mansos”. A “reima” - possivelmente um termo derivado de *rheuma* e que também designa “mau gênio” - é uma “qualidade” do alimento que o torna ofensivo para certos estados do organismo e em certos momentos da vida da pessoa. Assim, por exemplo, o alimento “reimoso” “faz mal para o sangue”, “agita o corpo da pessoa”, “põe a reima [do corpo] para fora”. Um alimento “reimoso” só pode ser consumido por alguém em perfeitas condições de saúde¹⁰. Tal como ocorre com as qualidades de “quente” e “frio”, a “reima” também exprime uma relação entre o alimento e o organismo. O alimento “reimoso” não pode ser comido por quem esteja com o próprio corpo “reimoso”, isto é, com o “sangue agitado”, com reumatismo, com feridas da pele.

Há uma certa relação entre “quente”, especialmente “muito quente”, e “reimoso” mas nem todo alimento “quente” é “reimoso”, e existem alimentos “frios” que o são. O que define a “reima” difere das definições dessas outras qualidades.

Um primeiro critério diz respeito à “idade” do animal ou planta (embora a “reima” seja atribuída principalmente a alimentos de origem animal). Um animal será tanto menos reimoso quanto menos idade tenha; assim, uma leitoa “novinha” não tem “reima” mas um porco em idade reprodutiva é “reimoso”. Inversamente, as plantas mais novas (verdes) são mais “reimosas” que as mais velhas (maduras). No caso dos animais, “maduro” significa ter funções sexuais e em todas as culturas a maturidade sexual tem significados simbólicos cercados de procedimentos rituais. De forma coerente, animais castrados tampouco têm “reima”, ou têm pouca “reima”.

Outro critério é aquele que opõe o domesticado

⁹ BRANDÃO, C. R. *Plantar, colher, comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

¹⁰ MAUÉS, R. H. *A ilha encantada*. Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: UFPA, 1990; MAUÉS, M. A. *Trabalhadeiras e camarados*. Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPA, 1993.

¹¹ PEIRANO, M. A reima do peixe. *Pesquisa Antropológica* 21. Brasília: Departamento de Antropologia, UnB, 1979.

ao não domesticado. O porco do mato é mais reimoso que o domesticado “inteiro”. Peirano¹¹ observou que são “reimosos” os animais que vivem longe dos homens e em outro nível, como os voadores. Assim, um animal será tanto mais “reimoso” quanto mais se opõe ao homem. Ainda, quanto mais selvagens tanto mais “reimosos” são os animais, como o caititu, um tipo de porco selvagem que ataca o homem. Outra razão pela qual o animal selvagem é “reimoso” é dada pelo fato de ser “inteiro” e deve-se notar que tanto o boi como o porco “inteiros” são considerados menos domesticados que os castrados – estes últimos são “mansos”, assim como o oposto do alimento “reimoso” é o alimento “manso”. O comportamento do animal se aplica também ao não domesticado: quieto, “manso” ou irriquieto, “brabo”, sendo este último “reimoso”.

A ambigüidade é outro critério. São “reimosos” o porco, a galinha d’Angola, o peixe “de couro” (sem escamas) e outros animais que fogem às características gerais de sua espécie, isto é, que não se enquadram nos critérios selecionados por determinada cultura para elaborar suas taxonomias. O porco é o exemplo clássico do animal ambíguo ou anômalo, como mostrou Douglas¹², e por isso percebido como impuro ou “poluído” na tradição judaico-cristã e “reimoso” na tradição popular brasileira. São impuros e “reimosos” os animais que ocupam posições intermediárias ou que habitam domínios “misturados”, como a lama e o mangue. Assim, o porco é ambíguo porque possui o casco bi-partido, em oposição ao gado vacum, e porque “gosta da lama”. Analogamente, o caranguejo, que habita o mangue, também é “reimoso”. Ademais, além de viver no mangue, tem os ossos “pelo lado de fora” do corpo, o que o torna anômalo.

Outros animais, ainda, são percebidos como ambíguos, como o camaleão (comestível em algumas partes do Brasil) pois, além de ser um réptil, o que

¹² DOUGLAS, M. *Purity and danger. An analysis of concepts of pollution and taboo*. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

por si só já o torna ambíguo, muda constantemente de cor. O já referido peixe “de couro” ou aquele que tem a carne vermelha são igualmente “reimosos”. O boto, na Amazônia, percebido como um “peixe” que é mamífero, também o é; ademais, é particularmente perigoso para as mulheres às quais procura seduzir, transfigurado em homem¹³. Acredita-se (como pude verificar pessoalmente) que persegue canoas que transportam mulheres menstruadas. O peixe conhecido como linguado é considerado “reimoso” no Nordeste, por ter os “dois olhos num lado só da cara”: uma crença corrente nessa região explica que o linguado, antes um peixe normal, teria “voltado a cara” a Nossa Senhora ficando, em conseqüência, amaldiçoado.

É preciso considerar ainda outras características. Quanto aos hábitos alimentares dos animais, são considerados “reimosos” aqueles cuja alimentação seja considerada irregular¹⁴ opõem-se, neste caso, o gado vacum ao porco, o primeiro com uma dieta “regular” e previsível, pois come apenas capim, enquanto o porco “come de tudo”.

Com relação ao sexo do animal, de modo geral, a fêmea é menos “reimosa” que o macho, numa curiosa inversão relativamente aos humanos, onde é a fêmea o sexo “reimoso”. No entanto, os animais criados por homens são menos “reimosos” que os criados por mulheres. Quanto ao estado de saúde do animal, presente ou passado, será “reimoso”, ou “mais reimoso” aquele que sofreu alguma doença ou que “ficou estropiado” em decorrência de um acidente. Todos esses critérios podem ser resumidos a uma oposição entre ordem e desordem.

Todavia, é preciso considerar também o estado de quem ingere o alimento. De um lado, o estado do corpo; como a “reima” do corpo se manifesta no sangue, quem está com o sangue “agitado” não deve comer comida “reimosa”. Mas outros estados também são levados em consideração. Além de

¹³ GALVÃO, E. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1955.

¹⁴ NOVIÓN, M. I. *Op. cit.*; MAUÉS, 1990. *Op. cit.*; MAUÉS, 1993. *Op. cit.*

mulheres menstruadas ou em resguardo, também outras situações de liminaridade ou ambigüidade impedem a ingestão de tais alimentos – o luto, a convalescência, o xamanismo e a “couvade”; esta última, bastante comum na Amazônia e também observada no Distrito Federal, implica a idéia de que o homem também “tem a criança” e o resguardo paterno (40 dias, tal qual o materno) igualmente visa garantir a sobrevivência do recém-nascido. São estados que representam momentos de passagem, sempre cercados de cuidados rituais.

O luto (40 dias), juntamente com a encomendação da alma do falecido, o velório, as missas de sétimo dia e de mês são ritos de passagem que asseguram o renascer do defunto numa “outra vida” e evitam o retorno da alma, o que ocorreria se a passagem não se completasse, permanecendo a alma no limbo, isto é, em situação liminar. Em partes da Amazônia o nascimento e a morte são representados pela mesma simbologia: uma vela de barco estendida na entrada da casa, denotando a percepção dos dois eventos como uma viagem.¹⁵

¹⁵ MAUÉS i MAUÉS. *Op. cit.*

O xamanismo é associado a uma doença por ação dos “companheiros do fundo”, entidades sobrenaturais que habitam o fundo das águas¹⁶. O xamã nunca se restabelece por completo. Ele deve observar um conjunto de proibições alimentares semelhantes ao da mulher no período de resguardo pós-parto. Como iniciando, ele deve morrer simbolicamente para renascer como xamã e durante uma semana deve permanecer em total isolamento. Ao longo de sua vida deverá obedecer a prescrições rituais e alimentares para que a doença original não volte a se manifestar.

¹⁶ GALVÃO. *Op. cit.*; MAUÉS, 1993. *Op. cit.*

A criança, durante os dois primeiros anos de vida e, mais particularmente, durante os primeiros 40 dias, é cercada de cuidados alimentares. Logo após o nascimento a criança é alimentada com leite, mas não aquele da própria mãe, pois este é considerado

“venenoso”, isto é, muito “reimoso”, dada a presença do colostro. O leite da mãe é também proibido caso esta, durante o período de amamentação, se torne novamente grávida já que neste estado todo o organismo da mulher é percebido como “venenoso”¹⁷. O mesmo observei no Brasil Central. O leite será nesses casos fornecido por outra mulher que tenha um filho de alguns meses que ainda mama; esta mulher se torna, então “mãe de leite” da criança e comadre de sua mãe “verdadeira”.

¹⁷ NOVIÓN. *Op. cit.*

Durante os primeiros 40 dias a criança se alimenta apenas de leite e durante o primeiro ano de vida uma série de alimentos considerados “reimosos” são interditos. Ao longo de todo o período de amamentação a criança continua a ser percebida como ligada fisiologicamente à mãe. De fato, a criança só se torna um ser em si mesmo com o advento da capacidade de locomoção bípede e do uso da palavra. Durante a amamentação a criança continua a se alimentar do sangue materno, tal como em sua vida intra-uterina, pois o leite materno (“sangue branco”) é percebido como o sangue uterino transformado no seio. Os dois primeiros anos são, pois, um período liminar cercado de cuidados para que se processe a passagem. Igualmente, deve a criança se abster de alimentos “quentes”, já que o nascimento deriva de um organismo ao extremo “quente”, o da mãe durante a gravidez.

Na mulher, um ciclo de longo prazo, da menarca à menopausa, contém vários ciclos de curto prazo, nos quais se acentua a ambigüidade socialmente construída. A partir da menarca a menina socialmente indiferenciada se torna um ser definido mas, ao mesmo tempo, ambíguo: torna-se mulher e, como tal, afastada dos domínios masculinos. Entre pescadores da Amazônia fica proibida de contato com os instrumentos de pesca, notadamente quando menstruada, período durante o qual deve mesmo evitar qualquer contato com a água do mar. Na mesma

¹⁸ GALVÃO. *Op. cit.*

região, sua periculosidade é expressa pela noção de “panema”¹⁸, isto é, pela crença de que pode “empanemar” os homens, fazendo com que não consigam mais pescar ou caçar (“empanemar” significa transmitir algo semelhante a “azar” ou “má sorte”). Numa comunidade de oleiros da Bahia, pude observar que ficavam proibidas de qualquer contato com o torno, instrumento que simboliza a identidade masculina e da comunidade como um todo. Durante a menstruação, como vimos, lhe são proibidos os alimentos “quentes” e “reimosos”: não somente está ela sujeita a perigos (como o do sangue “subir para a cabeça”) mas também representa ela mesma um perigo para a sociedade, em virtude de estar “poluída”, “reimosa” e “venenosa”.

Com a menopausa, cessam as proibições alimentares a que a mulher deve obedecer. Não apenas não está mais sujeita a perigos, mas torna-se agora, tal como a menina, inofensiva para a sociedade. Após a menopausa, ela “vira homem”, expressão comum na Amazônia, no Brasil Central e no Nordeste, podendo até mesmo desempenhar atividades definidas como masculinas.

¹⁹ MAUÉS, 1993. *Op. cit.*

Como já se viu, a mulher é particularmente sujeita a prescrições/proibições alimentares, uma linguagem que é parte da construção ideológica da mulher como pessoa social. Como observou Maués¹⁹ os processos naturais fornecem os elementos para que o simbólico se torne uma forma de controle do social. Se, de um lado, as prescrições/proibições alimentares expressam os princípios de uma medicina popular em que o alimento é percebido em sua relação com o organismo, de outro lado elas aproximam simbolicamente certas categorias de pessoas e determinados alimentos que, num plano real, devem ser mantidos afastados. No caso da mulher, particularmente sujeita a prescrições/proibições, falar da “reima” do alimento é falar da ambigüidade do ser feminino. Mas é também uma forma de falar de

estados de liminaridade mais gerais, como os aqui descritos.

Referências

BRANDÃO, C. R. *Plantar, colher, comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

CURRIER, R. L. The hot-cold syndrome and symbolic balance in Mexican and Spanish-American folk medicine. *Ethnology*, 5, 1966, p. 251-263.

DOUGLAS, M. *Purity and danger*. An analysis of concepts of pollution and taboo. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

GALVÃO, E. *Santos e visagens*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

HARTOG, F. *Le miroir d'Hérodote*. Essay sur la représentation de l'autre. Paris: Gallimard, 1980.

MAUÉS, R. H. *A ilba encantada*. Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: UFPa, 1990.

MAUÉS, M. A. *Trabalhadeiras e camarados*. Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: UFPa, 1993.

MAUÉS, R. H. i MAUÉS, M. A. *Hábitos e ideologias alimentares numa comunidade de pescadores*. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, 1976.

NOVIÓN, M. I. *Anátomo fisiologia popular e alimentação na mulher e no binômio mãe – filho*. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, 1976.

PEIRANO, M. A reima do peixe. *Pesquisa Antropológica* 21. Brasília: UnB, Departamento de Antropologia, 1979.

REDFIELD, R. *The little community/Peasant society and culture*. Chicago: Chicago University Press, 1960.

WOORTMANN, E. i WOORTMANN, K. *O trabalho da terra. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: UnB, 1997.